



O PRÍNCIPE FELIZ

OSCAR WILDE

Na parte alta da cidade, no topo de uma certa coluna, ficava a estátua do Príncipe Feliz. Era toda dourada com finíssimas folhas de ouro refinado, seus olhos, duas safiras brilhantes, e um grande rubi fulgurava no punho de sua espada.

O Príncipe era verdadeiramente admirado.

— Ele é bonito como um cata-vento — comentou um dos Conselheiros da Cidade, que queria ficar famoso por gostar das artes. — Só que não é tão útil — acrescentou logo, com medo de que o povo o julgasse pouco prático, o que não era verdade, aliás.

— Por que você não pode ser igual ao Príncipe Feliz? — perguntou uma mãe sensata a seu filhinho que estava chorando porque queria a lua. — O Príncipe Feliz jamais sonha em chorar pelo que quer que seja.

— Alegro-me que haja alguém no mundo que seja inteiramente feliz — resmungou um homem desencantado ao olhar para a maravilhosa estátua.

— Ele é igualzinho a um anjo — disseram os meninos do Orfanato ao sair da catedral vestindo suas capas vermelho-vivo e seus aventais brancos.

— Como é que você sabe? — disse o Professor de Matemática. — Você nunca viu um deles.

— Ah, vimos, sim, em nossos sonhos — responderam as crianças.

Então o Professor de Matemática franziu o cenho e ficou muito severo, pois não aprovava essa história de criança sonhar.

Certa noite voou por cima da cidade uma Andorinha macho. Seus amigos tinham voado para o Egito já havia seis semanas, mas ele ficara para trás, porque estava apaixonado por uma lindíssima Haste de Junco. Ele a conhecera no início da primavera, ao voar rio abaixo atrás de uma mariposa, e ficara tão atraído pela esbelteza de sua cintura que parou para conversar com ela.

— Será que devo amá-la? — disse o Passarinho, que gostava de entrar logo no assunto, e a Haste fez-lhe uma profunda reverência.

Então ele ficou voando em torno dela, tocando a água com suas asas, criando pequenos círculos prateados. Era assim que fazia a corte, que durou

todo o verão.

— É uma ligação ridícula — chilreavam os outros passarinhos. — Ela não tem dinheiro e tem parentes demais — disseram, pois o rio era todo cheio de Juncos.

Quando chegou o outono, como sempre, elas voaram para bem longe.

Depois que as outras partiram, ele sentiu-se solitário e começou a se cansar de sua amada.

— Ela não sabe conversar — disse ele —, e tenho receio que seja muito coquete, pois está sempre flertando com o vento.

E é bem verdade que sempre que o vento soprava, a Haste de Junco se curvava das maneiras mais graciosas.

— Tenho de confessar que ela é muito caseira — continuou ele —, mas eu adoro viajar, e portanto a minha mulher também deveria gostar de viagens.

— Você quer partir comigo? — perguntou ele finalmente, porém a Haste fez que não com a cabeça, por ser muito ligada a seu lar.

— Então você esteve brincando comigo — gritou ele. — Vou-me embora para as Pirâmides. Adeus! — E saiu voando.

Voou o dia todo e, de noite, chegou à cidade.

“Onde hei de passar a noite?”, pensou ele. “Espero que a cidade tenha tomado as devidas providências.”

E então viu a estátua no alto da coluna.

— É ali que vou ficar! — exclamou. — É uma situação privilegiada, com muito ar fresco.

E pousou exatamente entre os dois pés do Príncipe Feliz.

— Ganhei um quarto de ouro — disse ele baixinho para si mesmo, enquanto olhava em volta, preparando-se para dormir.

Mas, no momento exato em que ia colocar a cabeça debaixo da asa, uma enorme gota d’água caiu em cima dele.

— Que coisa curiosa! — exclamou ele. — Não há uma única nuvem no céu, as estrelas estão perfeitamente visíveis e brilhantes, e no entanto está chovendo. O clima no norte da Europa é realmente horrível. Haste de Junco costumava gostar da chuva, mas só porque sempre foi egoísta.

E aí caiu outra gota.

— De que adianta uma estátua se não serve para impedir que a água caia? — disse ele. — Eu preciso procurar uma boa chaminé com tampa. — E resolveu sair voando.

Mas antes que pudesse abrir as asas, caiu uma terceira gota, e olhando para cima ele viu... Ah! O que foi que ele viu?!!!

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, e lágrimas rolavam por suas faces douradas. Seu rosto era tão bonito ao luar que o pequeno Passarinho ficou tomado de piedade.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Sou o Príncipe Feliz.

— Então por que é que está chorando? — perguntou o Passarinho. — Você me encharcou todo.

— Quando eu era vivo e tinha um coração humano — respondeu a estátua —, eu não sabia o que eram as lágrimas, porque morava no Palácio de Sans-Souci, onde as tristezas eram proibidas de entrar. De dia eu brincava com meus pequenos companheiros no jardim, e de noite eu liderava as danças no Salão Principal. Em volta do jardim havia um muro muito alto, mas eu nunca me dei ao trabalho de perguntar o que havia para além dele, já que tudo à minha volta era tão bonito. Meus cortesãos me chamavam de Príncipe Feliz, e eu era na verdade feliz, se é que o prazer é felicidade. Assim eu vivi e assim eu morri. E, agora que estou morto, eles me puseram aqui, tão alto que posso ver todo o mal e toda a miséria da minha cidade e, mesmo que meu coração seja feito de chumbo, não posso evitar chorar.

— O quê?! Ele não é de ouro maciço? — disse o Passarinho para si mesmo. Ele era bem-educado demais para fazer comentários pessoais em voz alta.

— Lá longe — continuou a estátua com voz suave e musical —, bem lá longe, em uma pequena ruela, há uma casa muito pobre. Uma das janelas está aberta e, através dela, posso ver uma mulher sentada. Seu rosto é magro e gasto, e ela tem mãos ásperas e vermelhas, todas picadas de agulha, já que é costureira. Ela está bordando flores de maracujá em um vestido de cetim para a mais bela das Damas de Honra da Rainha usar no próximo baile da Corte. Na cama, em um canto do quarto, está deitado, doente, o filhinho dela. Ele está com febre e pediu uma laranja, porém a mãe não tem nada para lhe dar senão água do rio, e por isso ele está chorando. Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho, será que não podia entregar a ela o rubi do punho da minha espada? Meus pés são presos a este pedestal e eu não posso me mexer.

— Estão me esperando no Egito — disse o Passarinho. — Meus amigos estão voando para cima e para baixo no Nilo, conversando com as enormes flores de lótus. Daqui a pouco eles vão dormir no túmulo do Grande Rei. O

próprio Rei está lá, em seu caixão pintado. Ele está embrulhado em linho amarelo e embalsamado com especiarias. Em torno de seu pescoço há uma corrente de jade verde pálido, e suas mãos parecem folhas secas.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, será que você não pode ficar comigo por uma noite e ser meu mensageiro? O menino está com tanta sede, e a mãe está tão triste.

— Eu acho que não gosto de meninos — respondeu o Passarinho. — No verão passado, quando eu estava pousando no rio, havia dois meninos muito grosseiros, os filhos do moleiro, que estavam sempre atirando pedras em mim. Eles nunca me atingiram, é claro. Nós, andorinhas, voamos bem demais para isso, e além do mais eu pertencço a uma família famosa por sua agilidade. Mesmo assim, foi um gesto desrespeitoso.

Mas o Príncipe Feliz parecia tão triste que o pequeno Passarinho pediu desculpas.

— Aqui faz muito frio — disse ele —, mas eu ficarei com você por uma noite e serei seu mensageiro.

— Muito obrigado, pequeno Passarinho — disse o Príncipe.

Então o Passarinho tirou o grande rubi da espada do Príncipe e voou, levando-o no bico, por cima dos tetos da cidade.

Ele passou pela torre da catedral, onde havia estátuas de anjos em mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu o barulho de gente dançando. Uma moça bonita apareceu em um balcão com o namorado.

— Como estão maravilhosas as estrelas — disse-lhe ele. — E como é maravilhoso o poder do amor!

— Espero que meu vestido fique pronto a tempo do baile da Corte — respondeu ela. — Eu mandei bordar umas flores lindas nele, mas as costureiras são tão preguiçosas.

Ele passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Passou pelo gueto e viu os velhos judeus negociando uns com os outros e pesando dinheiro em balanças de cobre. Finalmente chegou à casinha pobre e olhou lá para dentro. O menino estava a se virar febrilmente na cama, e a mãe havia caído dormindo de tão cansada. Ele pulou para dentro e depositou o rubi ao lado do dedal da mulher. Depois, voou suavemente em torno da cama, abanando a testa do menino com suas asas.

— Como ficou fresquinho — disse o menino. — Eu devo estar melhorando. — E caiu num sono delicioso.

Então o Passarinho voou de volta para o Príncipe Feliz e contou-lhe o que havia feito.

— É curioso — comentou o pássaro —, mas estou me sentindo bem quentinho agora, apesar de estar fazendo frio.

— É porque você fez uma boa ação — disse o Príncipe.

E o pequeno Passarinho começou a pensar, e adormeceu. Pensar sempre dava sono nele.

Quando o dia nasceu, ele voou até o rio e tomou banho.

— Que fenômeno notável! — disse o Professor de Ornitologia que estava passando na ponte. — Uma andorinha no inverno! — E escreveu uma longa carta ao jornal local. Todo mundo passou a citá-la, porque estava cheia de palavras que ninguém conseguia compreender.

— Hoje de noite vou para o Egito — disse o Passarinho, que estava muito contente só de pensar nisso.

Ele visitou todos os monumentos da cidade e ficou uma porção de tempo sentado no alto da torre da igreja. E em todo lugar aonde ia, os Pardais chilreavam e diziam uns para os outros: “Que visitante distinto!”, de modo que ele se divertiu muito.

Quando a lua apareceu, ele voou de novo até o Príncipe Feliz.

— Você tem alguma encomenda para o Egito? — gritou ele. — Eu estou de partida.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, não quer ficar só mais uma noite comigo?

— Estão me esperando no Egito — respondeu o Passarinho. — Amanhã meus amigos vão voar para a Segunda Catarata. Os cavalos-marinhos se aninham nos juncos, e o grande deus Memnon fica sentado em um imenso trono de granito. A noite inteira ele fica olhando as estrelas. Quando aparece a estrela da manhã, ele solta um grito de alegria e depois fica imóvel. Ao meio-dia os leões amarelos descem até a beira da água para matar a sede. Eles têm olhos como berilos verdes, e seu rugido é mais alto do que o da catarata.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, lá longe, do outro lado da cidade, eu vi um rapaz em um sótão. Ele está curvado sobre uma mesa coberta de papéis, e em uma caneca a seu lado há um ramo de violetas murchas. Seus cabelos são castanhos e enrolados, seus lábios, rubros como romãs, e seus olhos são grandes e sonhadores. Ele está tentando acabar

uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com frio demais para poder continuar a escrever. Não há fogo no braseiro, e ele desmaiou de fome.

— Eu espero mais uma noite com você — disse o Passarinho, que tinha muito bem no coração. — Quer que eu leve outro rubi?

— Infelizmente já não tenho mais rubis — disse o Príncipe. — Só me restam os meus olhos, feitos de safiras raras, trazidas da Índia há mil anos. Arranque uma delas agora e leve para o garoto. Ele pode vendê-la ao joalheiro, comprar lenha e acabar sua peça.

— Querido Príncipe — disse o Passarinho —, eu não posso fazer uma coisa dessas. — E começou a chorar.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, faça como eu mandei.

Então o Passarinho arrancou o olho do Príncipe e voou para o sótão. Foi muito fácil entrar, porque havia um buraco no telhado. Passando por ali, ele entrou no quarto. O rapaz estava com a cabeça abaixada entre as mãos, de modo que não ouviu o bater das asas do pássaro, e quando olhou para cima viu a linda safira pousada em cima das violetas murchas.

— Estou começando a fazer sucesso! — gritou ele. — Isso é de algum admirador. Agora posso terminar minha peça. — E parecia muito contente.

No dia seguinte, o Passarinho voou até o porto. Pousado no mastro de um grande navio, ficou observando os marinheiros que, com cordas, içavam grandes baús para o porão. “Levanta, moçada!”, gritavam eles cada vez que um baú ia subir.

— Eu vou para o Egito! — gritou o Passarinho, mas ninguém prestou atenção, e quando a lua apareceu ele voou de volta para o Príncipe Feliz.

— Eu vim para dizer adeus — cantou ele.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, será que não pode ficar mais uma noite comigo?

— É inverno — respondeu o Passarinho —, e daqui a pouco a neve gelada vai chegar. No Egito o sol é quente sobre as palmeiras verdes, e os crocodilos ficam se espreguiçando na lama, só olhando em volta. Meus companheiros estão construindo um ninho no Templo de Baalbek, e os pombos rosa e brancos estão a observá-los, arrulhando um para o outro. Querido Príncipe, eu tenho de deixá-lo, mas nunca mais hei de esquecê-lo, e na próxima primavera lhe trarei duas lindas joias para substituir as que deu. O rubi será mais rubro do que uma rosa vermelha, e a safira, azul como o mar imenso.

— Na praça ali embaixo — disse o Príncipe — está uma menininha que vende fósforos. Ela os deixou cair na sarjeta, e eles ficaram todos estragados. Seu pai vai espancá-la se ela não levar algum dinheiro para casa, e ela está chorando. Ela não tem sapatos nem meias, e está com a cabecinha descoberta. Arranque meu outro olho e o dê a ela, para que seu pai não a espanque.

— Eu ficarei com você mais uma noite — disse o Passarinho —, mas não posso arrancar seu outro olho. Você ia ficar completamente cego.

— Passarinho, Passarinho, pequeno Passarinho — disse o Príncipe —, faça como eu mandei.

Então ele arrancou o outro olho do Príncipe e desceu como uma flecha. Mergulhando pertinho da menina, passou depressa a joia para a mão dela.

— Que lindo pedacinho de vidro! — gritou a menininha, e correu para casa, rindo.

E então o Passarinho voltou para o Príncipe e disse:

— Agora você está cego, e eu ficarei com você para sempre.

— Não, pequeno Passarinho — disse o pobre Príncipe —, você tem de ir para o Egito.

— Vou ficar com você para sempre — disse o Passarinho, e adormeceu aos pés do Príncipe.

Durante todo o dia seguinte ele ficou pousado no ombro do Príncipe, contando-lhe histórias sobre o que havia visto em terras estranhas. Falou dos íbis vermelhos, que fazem filas enormes ao longo das margens do Nilo, pegando peixinhos-dourados com os bicos; da Esfinge, que é tão velha quanto o próprio mundo, mora no deserto e sabe tudo; dos mercadores, que caminham lentamente ao lado de seus camelos, carregando contas de âmbar nas mãos; do Rei das Montanhas da Lua, que é preto como o Ébano e adora um cristal enorme; da grande cobra-verde que dorme em uma palmeira e tem vinte sacerdotes para alimentá-la com bolinhos de mel; e dos pigmeus que navegam em um grande lago em cima de grandes folhas planas, sempre em guerra com as borboletas.

— Querido Passarinho — disse o Príncipe —, você me fala de coisas impressionantes, porém, mais impressionante do que qualquer outra coisa é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério tão grande quanto o da Miséria. Voe por cima da minha cidade, pequeno Passarinho, e conte-me o que vê por ali.

Então o Passarinho voou sobre a grande cidade e viu os ricos se divertindo

em suas lindas casas, enquanto os mendigos permaneciam sentados junto aos portões. Voou por ruelas escuras e viu os rostos pálidos de crianças famintas olhando, apáticas, para ruas lúgubres. Debaixo do arco de uma ponte, dois meninos estavam deitados, abraçados para se esquentarem. “Que fome nós temos!”, diziam eles.

— Vocês não podem deitar aí! — gritou o guarda-noturno, e os dois tiveram de sair pela chuva.

E então o pássaro voltou e contou o que vira ao Príncipe.

— Eu sou coberto de ouro da melhor qualidade — disse o Príncipe. — Você precisa retirá-lo, folha por folha, e dá-lo aos meus pobres. Os vivos acham que o ouro pode trazer-lhes felicidade.

Folha após folha de ouro o Passarinho arrancou, até deixar o Príncipe todo cinzento e opaco. Folha após folha do melhor ouro ele levou para os pobres, e os rostos das crianças foram ficando mais rosados, e elas começaram a rir e a brincar nas ruas.

— Agora nós temos pão! — gritavam.

E então chegou a primeira neve e, depois da neve, veio o gelo. As ruas pareciam feitas de prata, de tão brilhantes e reluzentes; longos pingentes de gelo pendiam dos beirais das casas como adagas de cristal. Todo mundo andava envolto em peles, e os menininhos usavam gorros vermelhos e patinavam no gelo.

A pobre Andorinha macho foi ficando cada vez com mais frio, mas não queria deixar o Príncipe, a quem tanto amava. Ele catava migalhas do lado de fora da padaria quando o padeiro não estava olhando e tentava se esquentar batendo as asas.

Mas afinal chegou um momento em que ele sentiu que ia morrer. Suas forças só deram para chegar ainda uma vez até o ombro do Príncipe.

— Adeus, Príncipe querido! — murmurou ele. — Será que permite que eu beije a sua mão?

— Fico muito feliz que você finalmente esteja indo para o Egito, pequeno Passarinho — disse o Príncipe. — Você ficou por aqui muito tempo, mas deve beijar-me os lábios, já que o amo muito.

— Não é para o Egito que estou indo — disse o Passarinho. — Vou para a Casa da Morte. A Morte é irmã do Sono, não é?

E, beijando os lábios do Príncipe, ele caiu morto a seus pés.

Naquele instante um curioso ruído de quebra-dura soou dentro da estátua,

como se alguma coisa se tivesse partido. O fato é que o coração de chumbo se abriu exatamente em dois. Na certa por causa do terrível frio que estava fazendo.

Logo cedinho, na manhã seguinte, o Prefeito estava andando pela praça, que ficava ali embaixo, com os Vereadores da Cidade. Ao passarem pela coluna, ele olhou para cima e disse:

— Ora essa! Como o Príncipe Feliz está parecendo miserável!

— Miserável, mesmo! — gritaram os Vereadores, que sempre concordavam com o Prefeito.

E todos subiram para olhar a estátua.

— O rubi caiu da espada, os olhos desapareceram e ele não é mais dourado — disse o Prefeito. — Na verdade ele parece pouco mais do que um mendigo!

— Pouco mais do que um mendigo! — disseram os Vereadores.

— E há até mesmo um passarinho morto aos pés dele! — continuou o Prefeito. — Temos de fazer uma proclamação de que os pássaros não têm permissão para morrer aqui. — E o Escrivão da Cidade tomou nota da sugestão.

E a estátua do Príncipe Feliz foi derrubada.

— Como ele não é mais bonito, não tem mais utilidade — disse o Professor de Artes da Universidade.

E então eles derreteram a estátua em um forno, e o Prefeito reuniu todo o governo local para resolver o que haveria de ser feito com o metal.

— Temos de fazer outra estátua, é claro — disse ele. — Mas será uma estátua da minha pessoa.

— Da minha! — foi dizendo logo cada um dos Vereadores, e começaram a brigar.

Na última vez em que ouvi falar deles, ainda continuavam brigando.

— Que coisa esquisita! — disse o capataz dos operários da fundição. — Este coração partido de chumbo não derrete no forno. Teremos de jogá-lo fora.

E atiraram-no em um monte de terra onde estava também o passarinho morto.

— Tragam-me as duas coisas mais preciosas da cidade — disse Deus a um de seus Anjos.

E o Anjo Lhe levou o coração de chumbo e o passarinho morto.

— Escolheu muito acertadamente — disse Deus —, pois em meu Jardim do Paraíso este passarinho cantará para sempre, e em minha cidade dourada o

Príncipe Feliz há de louvar-me.